

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DO RIO DE JANEIRO
SUBSECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
SUPERINTENDÊNCIA DE VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA E AMBIENTAL
COORDENAÇÃO DE VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA

GERÊNCIA DE DOENÇAS TRANSMITIDAS POR VETORES E ZOONOSES - GDTVZ

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO ARBOVIROSES

Nº 001/2019

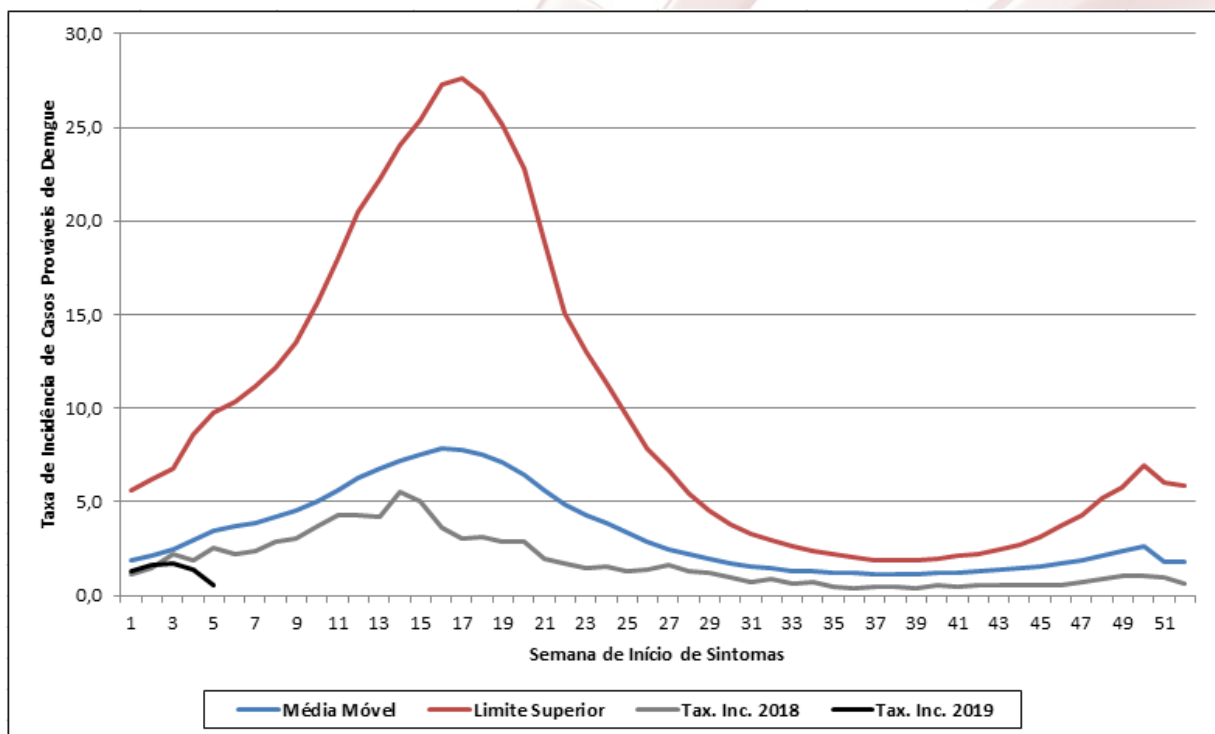
**CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO:
DENGUE, CHIKUNGUNYA e ZIKA NO ESTADO RJ.**

Ano 2018 e Janeiro de 2019

Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2019.

CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO: DENGUE, CHIKUNGUNYA e ZIKA NO ESTADO RJ.**✓ DENGUE****ANO 2018 e JANEIRO 2019**

Em 2018 foram notificados 15.143 casos prováveis (casos notificados suspeitos exceto os descartados) de dengue no estado, correspondendo a uma baixa taxa de incidência de 91,0 casos por 100 mil habitantes. Em janeiro 2019 o estado notificou 1.114, com incidência de 6,7 casos por 100 mil habitantes e uma redução de 27,6% em comparação ao mesmo período de 2018. Tanto em 2018 quanto em janeiro de 2019 os casos mantiveram-se abaixo da média esperada (Figura 1), desta forma, alerta-se para o risco de aumento dos casos de dengue ainda em 2019 e para o ano de 2020.



***Janeiro de 2019**

Fonte: POP IBGE TCU 2016 e SINAN, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Obs.: Diagrama construído com casos notificados suspeitos (exceto os descartados) durante a série histórica de 2001 a 2017, excluindo os anos de intensa transmissão no estado RJ: 2002, 2008, 2011, 2012, 2013, 2015 e 2016.

Figura 1 - Diagrama de Controle da Dengue com taxa de Incidência de casos prováveis de DENGUE, segundo semana de início de sintomas, estado do Rio de Janeiro, anos 2018 e 2019*.

Em 2018 os casos concentraram-se na região Metropolitana II e na Capital (77,4%), sendo que a Metropolitana II apresentou a maior taxa de incidência do estado: 310,2 casos por 100 mil habitantes. Esta região e a Capital também concentraram aumento no número de casos de chikungunya em 2018, o que pode ter aumentado a sensibilidade das vigilâncias epidemiológicas nestes municípios para a notificação das demais arboviroses, como a dengue e Zika.

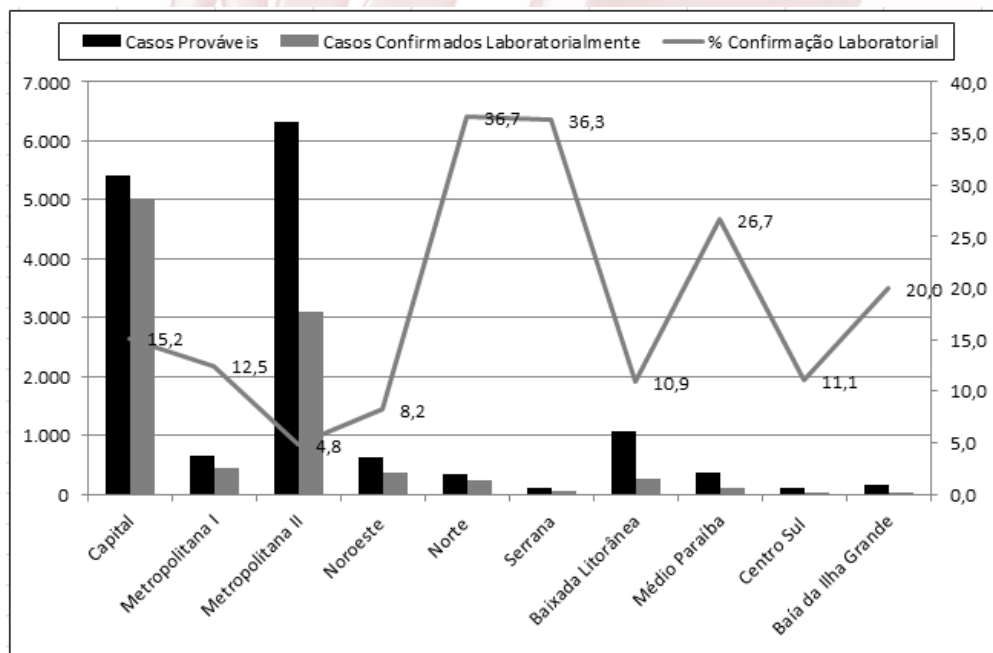
Tabela 1- Casos prováveis e taxa de incidência de **DENGUE** segundo região de residência no estado do Rio de Janeiro, ano 2018.

Região Residência	Casos Notificados	%	Incidência/100 mil habitantes
Capital	5.416	35,8	83,3
Metropolitana I	641	4,2	17,5
Metropolitana II	6.311	41,7	310,2
Noroeste	633	4,2	187,6
Norte	349	2,3	38,7
Serrana	102	0,7	10,9
Baixada Litorânea	1.080	7,1	137,7
Médio Paraíba	367	2,4	41,6
Centro Sul	99	0,7	30,1
Baía da Ilha Grande	145	1,0	52,9
Total	15.143	100,0	91,0

Fonte: POP IBGE TCU 2016 e SINAN, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Entre os 15.143 casos suspeitos de dengue no estado em 2018, 63,8% (9.662) foram confirmados tanto por critério clínico epidemiológico quanto laboratorial e, 11,1% (1.676) estão confirmados pelo critério laboratorial, conforme fonte SINAN. O percentual de casos confirmados laboratorialmente em período de baixa transmissão aponta para uma provável redução da circulação de dengue no estado. A região Metropolitana II, que concentra maioria dos casos notificados de 2018, apresentou menor percentual de confirmação laboratorial (4,8%) em relação às demais regiões. Observa-se que esta região apresentou alta transmissão de chikungunya em 2018, o que pode justificar a maior notificação para suspeita de dengue na Metropolitana II, porém, sem confirmação dos casos (Figura 2). Desta forma, reitera-se que os casos notificados suspeitos por dengue que forem confirmados para chikungunya sejam descartados o quanto antes no banco de dengue do SINAN.

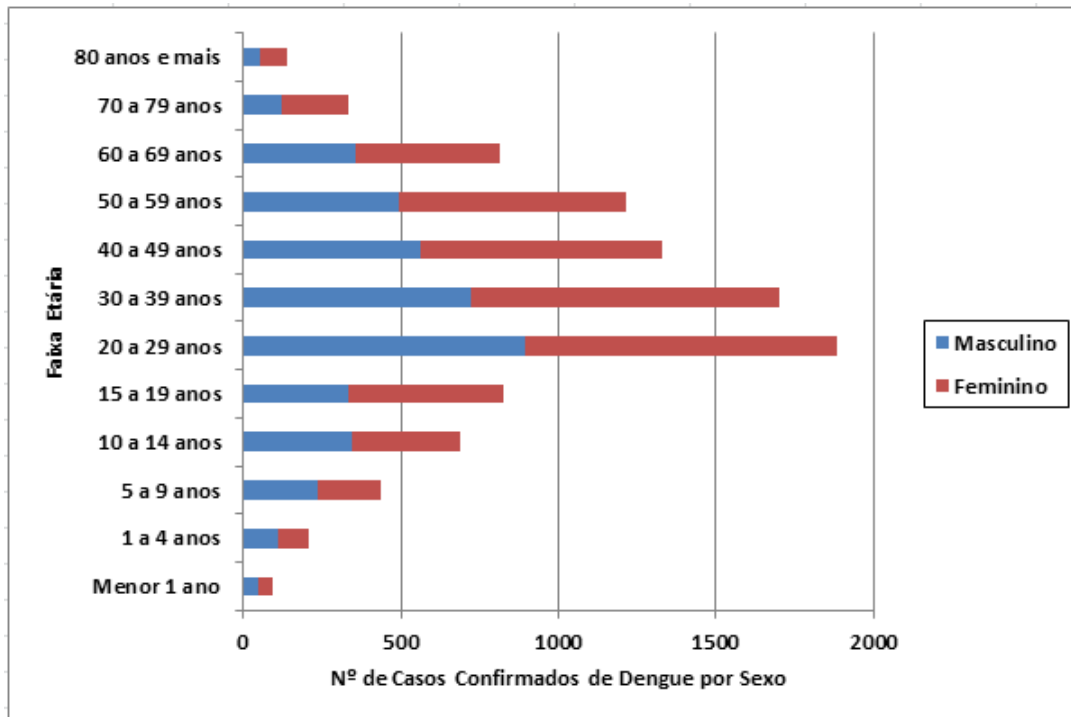
A Capital, que também apresentou aumento na circulação de chikungunya em 2018, obteve 15,2% de confirmação laboratorial, apontando para um pequeno aumento na circulação também de dengue neste município.



Fonte: SINAN, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Figura 2 - Casos prováveis e casos confirmados laboratorialmente (nº/%) de **DENGUE**, segundo região de residência, estado do Rio de Janeiro, ano 2018.

Entre os **9.662 casos confirmados por dengue** em 2018 no estado, 55,7% são do sexo feminino e 44,3% do sexo masculino; quanto à faixa etária, estes casos estão distribuídos principalmente entre as faixas de 20 a 59 anos de idade, destacando-se as faixas de 20 e 29 e, 30 a 39 anos de idade (Figura 3). Portanto, mulheres entre 20 e 39 anos de idade representaram a população mais acometida pela doença em 2018.



Fonte: SINAN, GDTVZ, SES-RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos a revisão.

Figura 3 - Casos confirmados de DENGUE, no estado do Rio de Janeiro, segundo sexo e faixa etária, ano 2018.

Entre os casos confirmados por dengue em 2018 no estado, 238 pacientes foram internados (2,5%) e, diferente do perfil de todos os casos confirmados, aqueles que internaram apresentaram maioria do sexo masculino: 55,9%. Quanto à faixa etária dos pacientes internados há maior concentração em menores de 15 anos (31,5%). Pessoas com 80 anos e mais, apesar de não estarem entre as maiores frequências, apresentam a maior taxa de internação (5,5 casos/100 mil habitantes com 80 anos e mais) ao compararmos com os demais grupos etários, sendo, portanto, um grupo de risco mais elevado para casos graves que demandam internação (Tabela 2). **Em 2018 foram confirmados 2 óbitos por dengue no estado.**

Tabela 2- Casos confirmados de DENGUE, segundo internação e faixa etária, estado do Rio de Janeiro, ano 2018.

Faixa Etária	Número	(%)	Taxa de Internação
< 15 anos	75	31,5	2,2
15 a 19 anos	13	5,5	1,0
20 a 29 anos	33	13,9	1,2
30 a 39 anos	28	11,8	1,1
40 a 49 anos	19	8,0	0,8
50 a 59 anos	22	9,2	1,2
60 a 69 anos	17	7,1	1,5
70 a 79 anos	14	5,9	2,1
80 anos e mais	17	7,1	5,5
Total	238	100,0	1,5

Fonte: SINAN, GDTVZ, SES-RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos a revisão.

Em 2018, há no SINAN registro de detecção dos sorotipos DENV-4 (3 casos), DENV-1 (2 casos) e DENV-2 (1 caso), todos na Capital do estado provavelmente em função do serviço sentinela que este município realiza. No Sistema de Gerenciamento de Amostra Laboratorial (GAL) do LACEN/RJ há detecção somente do sorotipo DENV-2 (2 casos) no município de Volta Redonda.

Na Tabela 3 se observa o consolidado de informações do sistema GAL para os exames de Dengue com data de início de sintomas ou solicitação em 2018, os percentuais de negatividade mostram-se elevados, em torno de 90%.

Tabela 3- Exames específicos para DENGUE, segundo cadastro no sistema GAL, Estado do Rio de Janeiro, ano 2018.

Dengue (GAL)	Total	POSITIVO		NEGATIVO		INCONCLUSIVO	
		N	%	N	%	N	%
IgM	5657	787	13,9	4838	85,5	32	0,6
NS1	521	7	1,3	514	98,7	0	0,0
PCR	22	2	9,1	20	90,9	0	0,0

Fonte: GAL, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Em janeiro de 2019 a maioria dos casos de dengue concentrou-se na Capital, entretanto, as taxas de incidências mais altas são das regiões Noroeste e Centro Sul (Tabela 4) em comparação com as demais regiões. A região Noroeste e Centro Sul apresentam municípios com intensa transmissão de chikungunya neste início de 2019, o que pode ter aumentando a sensibilidade da vigilância epidemiológica neste município para a notificação de dengue.

Tabela 4- Casos prováveis e taxa de incidência de DENGUE segundo região de residência no estado do Rio de Janeiro, ano 2019*.

Região Residência	Casos Notificados	%	Incidência/100 mil habitantes
Capital	522	46,9	8,0
Metropolitana I	141	12,7	3,9
Metropolitana II	82	7,4	4,0
Noroeste	110	9,9	32,6
Norte	9	0,8	1,0
Serrana	6	0,5	0,6
Baixada Litorânea	50	4,5	6,4
Médio Paraíba	43	3,9	4,9
Centro Sul	130	11,7	39,5
Baía da Ilha Grande	21	1,9	7,7
Total	1.114	100,0	6,7

*Janeiro de 2019

Fonte: POP IBGE TCU 2016 e SINAN, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

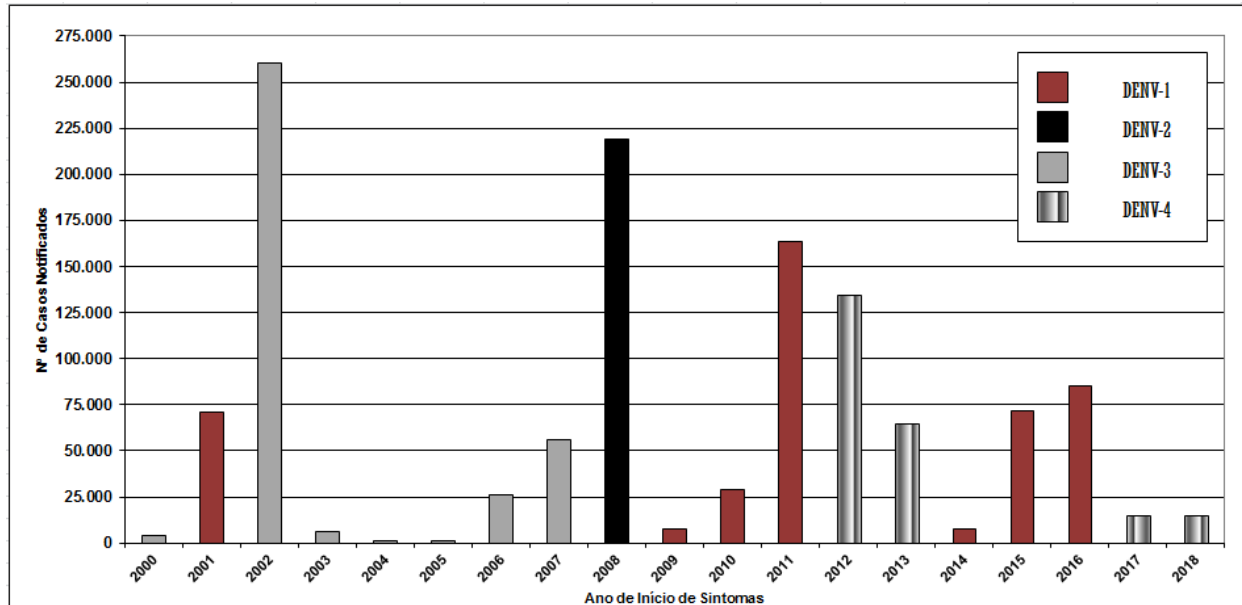
Entre os 1.114 casos notificados em janeiro de 2019, 55,7% (621) estão confirmados tanto por critério clínico epidemiológico quanto laboratorial e, 7,3% (83) estão confirmados pelo critério laboratorial, conforme fonte SINAN. Em janeiro de 2019 não há registro de óbitos confirmados por dengue no estado.

Alertamos para a necessidade de manutenção e intensificação do monitoramento semanal dos casos de dengue em cada município do estado, bem como para coleta e envio de exames dos pacientes suspeitos até o 5º dia de início de sintomas, objetivando o aprimoramento das informações quanto sorotipo circulante da doença (prioridade na realização de exames de biologia molecular/PCR para detecção do sorotipo).

Na série histórica abaixo (Figura 4) apresentamos o sorotipo de vírus dengue predominante a cada ano no estado, observa-se que nos últimos anos o DENV-1 e DENV-4 predominaram. Entretanto, no ano de 2017 os

sorotipos DENV-2 e DENV-3 foram detectados, sendo o DENV-2 o segundo mais detectado após o sorotipo DENV-4. Em 2018, a despeito do reduzido cadastro de amostras para PCR no sistema GAL, o DENV-2 já foi detectado em Volta Redonda e na Capital e em janeiro de 2019 já houve detecção do DENV-2 no município de Vassoura (5 casos) conforme SINAN e GAL.

Destacamos que o DENV-2 circulou no estado de forma predominante no ano de 2008 e o DENV-3 em 2007. Portanto, a detecção destes sorotipos no estado aumenta o risco para ocorrência de uma nova epidemia.



Fonte: SINAN, GDTVZ, SES-RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos a revisão.

Figura 4- Série histórica dos casos notificados suspeitos de **DENGUE** no estado do Rio de Janeiro segundo sorotipo viral predominante, 2000 a 2018.

✓ CHIKUNGUNYA

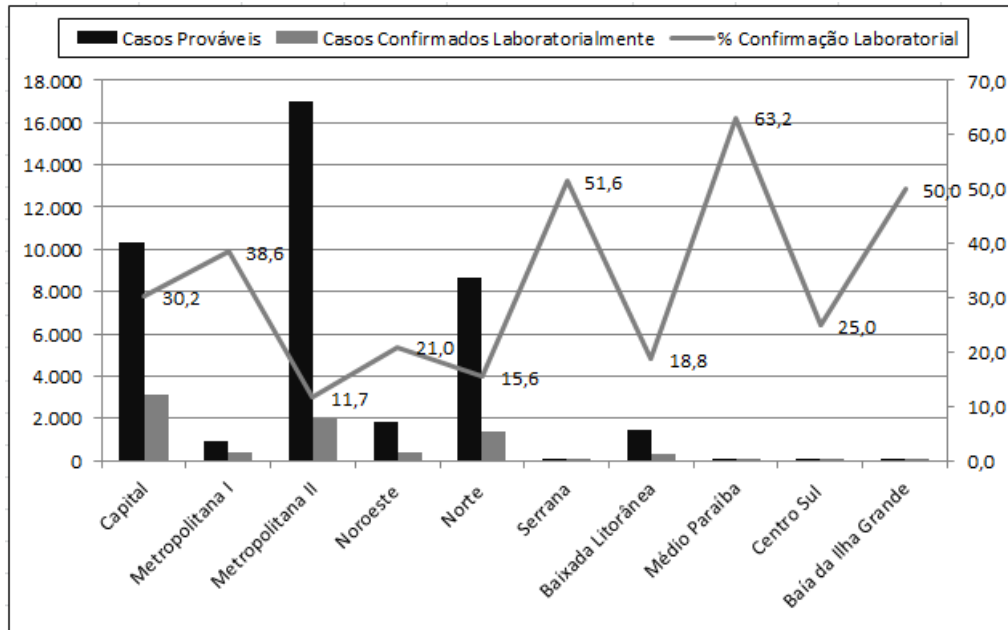
No ano de 2018 foram notificados 40.413 casos prováveis (casos notificados suspeitos exceto os descartados) de chikungunya no estado, correspondendo a uma incidência de 242,9 casos por 100 mil habitantes. Grande parte dos casos concentra-se na região Metropolitana II (42,0%), na Capital (25,5%) e região Norte (21,5%), sendo que as regiões Norte, Metropolitana II e Noroeste apresentam as maiores taxas de incidência no estado (> 300 casos por 100 mil habitantes) (Tabela 5).

Tabela 5- Casos prováveis e taxa de incidência de **CHIKUNGUNYA**, segundo região de residência, estado do Rio de Janeiro, ano 2018.

Região de Residência	Casos Prováveis	%	Incidência/100 mil habitantes
Capital	10.297	25,5	158,4
Metropolitana I	899	2,2	24,6
Metropolitana II	16.987	42,0	834,9
Noroeste	1.837	4,5	544,4
Norte	8.676	21,5	962,7
Serrana	95	0,2	10,1
Baixada Litorânea	1.470	3,6	187,4
Médio Paraíba	38	0,1	4,3
Centro Sul	64	0,2	19,5
Baía da Ilha Grande	50	0,1	18,2
Total	40.413	100,0	242,9

Fonte: POP IBGE TCU 2016 e SINAN, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

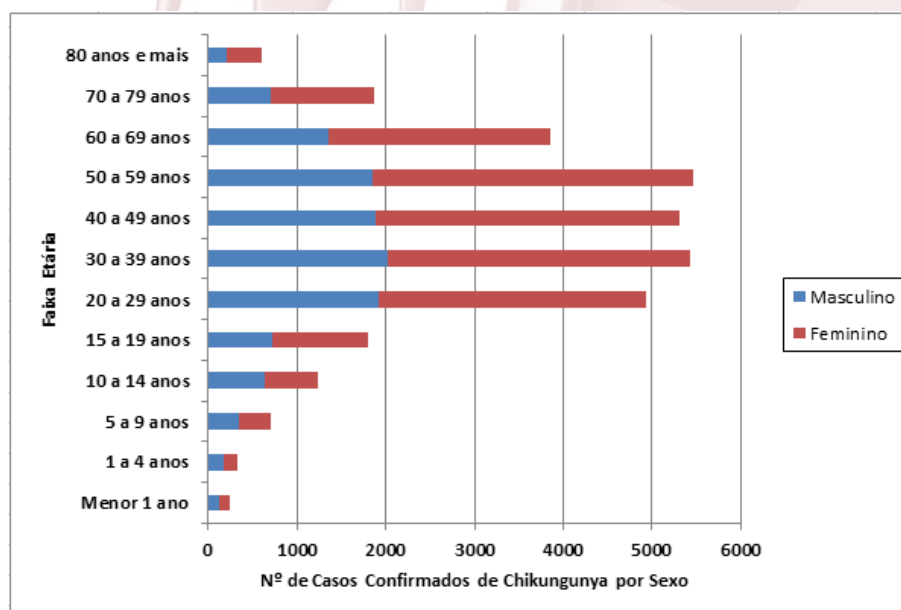
Entre os casos prováveis no estado, 78,7% (31.796) estão confirmados tanto por critério clínico epidemiológico quanto laboratorial e 18,7% (7.576) casos confirmados somente pelo critério laboratorial no estado, conforme fonte SINAN (Figura 6). **Observa-se que o percentual de casos confirmados laboratorialmente para chikungunya no estado é maior que o observado na avaliação de dengue (11,1%) e Zika (1,6%), assim como os percentuais de positividade dos exames registrados no GAL são mais elevados para chikungunya. Desta forma, entende-se que em 2018 houve predomínio na circulação de chikungunya entre as demais arboviroses do estado.**



Fonte: POP IBGE TCU 2016 e SINAN, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Figura 6 - Casos prováveis e casos confirmados laboratorialmente (nº/%) de CHIKUNGUNYA, segundo região de residência, estado do Rio de Janeiro, ano 2018.

Entre os 31.796 casos confirmados por chikungunya no estado nota-se predomínio em pessoas do sexo feminino com 62,4% sendo 37,6% do sexo masculino; quanto à faixa etária estes casos estão distribuídos principalmente entre as faixas etárias de 30 a 59 anos, portanto, mulheres entre 30 e 59 anos foram as mais acometidas em 2018 (Figura 7).



Fonte: SINAN, GDTVZ, SES-RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos a revisão.

Figura 7 - Casos confirmados de CHIKUNGUNYA, no estado do Rio de Janeiro, segundo sexo e faixa etária, ano 2018.

Dos casos confirmados por chikungunya no estado 458 foram internados (1,4%), sendo a maioria mulheres (58,7%). Os pacientes internados estão distribuídos segundo as faixas etárias apresentadas na tabela 6, onde há maior concentração de menores de 15 anos (26,0%). Destacam-se também as pessoas com 80 anos e mais. Apesar de não estarem entre as maiores frequências, apresentam a maior taxa de internação: 6,1 casos/100 mil habitantes com 80 anos e mais. **Em 2018 foram confirmados 19 óbitos por chikungunya no estado.**

Tabela 6 - Casos confirmados de **CHIKUNGUNYA**, segundo internação e faixa etária, estado do Rio de Janeiro, **ano 2018**.

Faixa Etária	Número	(%)	Taxa de Internação
< 15 anos	119	26,0	3,5
15 a 19 anos	24	5,2	1,9
20 a 29 anos	59	12,9	2,2
30 a 39 anos	64	14,0	2,5
40 a 49 anos	52	11,4	2,3
50 a 59 anos	46	10,0	2,5
60 a 69 anos	51	11,1	4,4
70 a 79 anos	24	5,2	3,7
80 anos e mais	19	4,1	6,1
Total	458	100,0	2,8

Fonte: SINAN, GDTVZ, SES-RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos a revisão.

Na tabela 7 se observa o consolidado de informações do sistema GAL para exames de chikungunya com data de início de sintomas ou data de solicitação, em 2018. Os percentuais de positividade para chikungunya apresentam-se maiores que os encontrados para dengue, estando em torno de 50% nos três métodos de exame realizados.

Tabela 7 - Exames específicos de **CHIKUNGUNYA**, segundo cadastro no sistema GAL, estado do Rio de Janeiro, **ano 2018**.

Chikungunya (GAL)	Total	POSITIVO		NEGATIVO		INCONCLUSIVO	
		N	%	N	%	N	%
IgM	5827	2593	44,5	3227	55,4	7	0,1
IgG	2034	1325	65,1	708	34,8	1	0,0
PCR	27	15	55,6	12	44,4	0	0,0

Fonte: GAL, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Em **janeiro de 2019** a maioria dos casos de chikungunya concentrou-se na Capital e as taxas de incidências mais altas são das regiões Noroeste, Norte, Capital e Centro Sul (Tabela 4) em comparação com as demais regiões. Estas regiões apresentam municípios com intensa transmissão de chikungunya neste início de 2019.

Tabela 7- Casos prováveis e taxa de incidência de **CHIKUNGUNYA**, segundo região de residência, estado do Rio de Janeiro, **ano 2019***.

Região de Residência	Casos Prováveis	%	Incidência/100 mil habitantes
Capital	1.330	45,2	20,5
Metropolitana I	425	14,5	11,6
Metropolitana II	176	6,0	8,7
Noroeste	326	11,1	96,6
Norte	535	18,2	59,4
Serrana	10	0,3	1,1
Baixada Litorânea	43	1,5	5,5
Médio Paraíba	0	0,0	0,0
Centro Sul	64	2,2	19,5
Baía da Ilha Grande	31	1,1	11,3
Total	2.940	100,0	17,7

***Janeiro de 2019**

Fonte: POP IBGE TCU 2016 e SINAN, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Entre os 2.940 casos notificados em **janeiro de 2019**, 91,3% (2.685) estão confirmados tanto por critério clínico epidemiológico quanto laboratorial e, 15,8% (465) estão confirmados pelo critério laboratorial, conforme fonte SINAN. Até o final de janeiro de 2019 não houve registro de óbitos confirmados por chikungunya no estado.

✓ ZIKA

No 1º semestre de 2018 foram notificados 2.418 casos prováveis (casos notificados suspeitos exceto os descartados) de Zika no estado, correspondendo a uma taxa de incidência de 14,5 casos por 100 mil habitantes. A região Metropolitana II do estado é a que concentra maioria dos casos (47,9%) e apresenta a taxa de incidência mais elevada (57,0 casos por 100 mil habitantes), provavelmente em função da maior sensibilidade da epidemiologia diante do aumento na circulação de chikungunya nesta mesma região (Tabela 8).

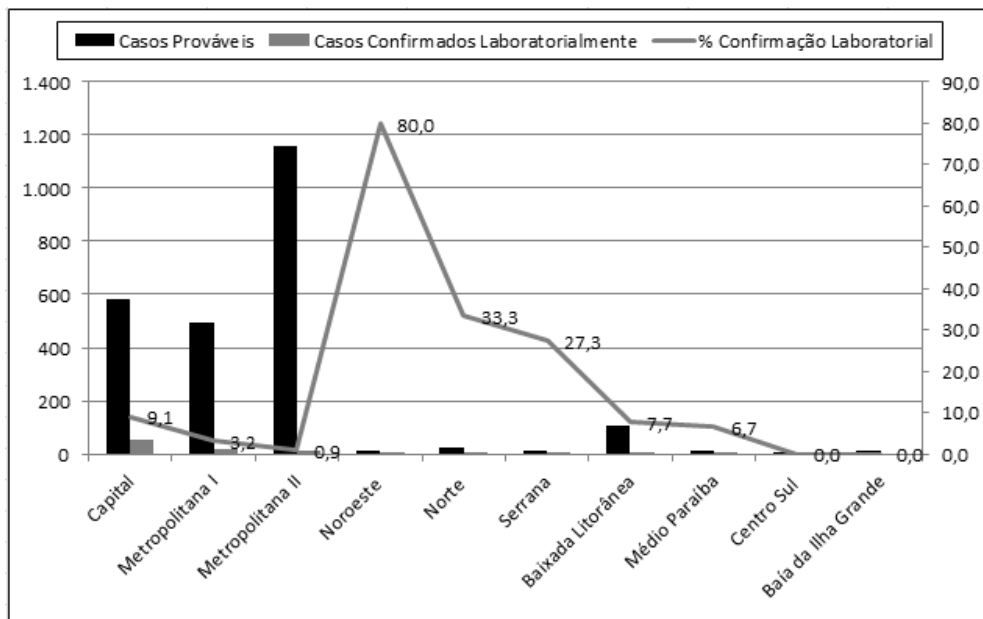
Tabela 8 - Casos prováveis e taxa de incidência de **ZIKA**, segundo região de residência, Estado do Rio de Janeiro, **ano 2018**.

Região de Residência	Casos Prováveis	%	Incidência/100 mil habitantes
Capital	585	24,2	9,0
Metropolitana I	495	20,5	13,5
Metropolitana II	1.159	47,9	57,0
Noroeste	10	0,4	3,0
Norte	21	0,9	2,3
Serrana	11	0,5	1,2
Baixada Litorânea	104	4,3	13,3
Médio Paraíba	15	0,6	1,7
Centro Sul	3	0,1	0,9
Baía da Ilha Grande	15	0,6	5,5
Total	2.418	100,0	14,5

Fonte: POP IBGE TCU 2016 e SINAN, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Entre os casos prováveis no estado, 55,2% (1.334) estão confirmados tanto por critério clínico epidemiológico quanto laboratorial e somente 4,4% (107) confirmados pelo critério laboratorial, conforme fonte

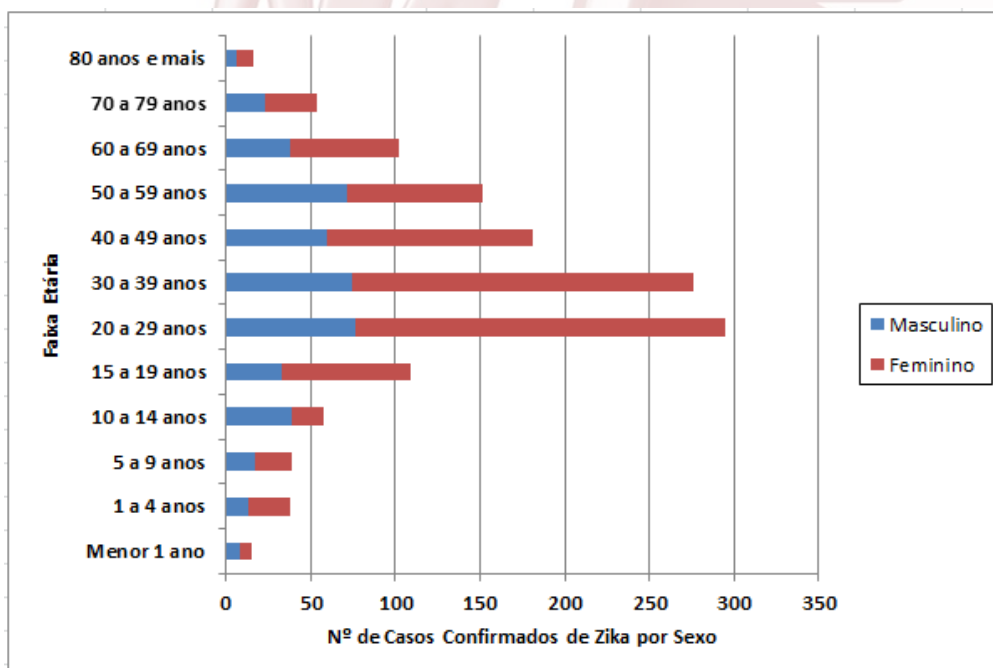
SINAN. Apesar de a região Metropolitana II concentrar quase de 50% das notificações no estado, o percentual de confirmação laboratorial é um dos mais baixos, o que reitera a baixa circulação de Zika em 2018 (Figura 11).



Fonte: POP IBGE TCU 2016 e SINAN, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Figura 11 - Casos prováveis e casos confirmados laboratorialmente (nº/%) de **ZIKA**, segundo região de residência, estado do Rio de Janeiro, ano 2018.

Dos 1.334 casos confirmados por Zika 13,1% (175 casos) ocorreram em gestantes. Observa-se entre os casos confirmados do estado um predomínio do sexo feminino com 65,7% dos casos, sendo 34,6% do sexo masculino, provavelmente em função da maior sensibilidade para suspeição e notificação de casos de Zika em gestante. Quanto à faixa etária estes casos estão distribuídos principalmente entre as faixas etárias de 20 a 39 anos (Figura 12).



Fonte: SINAN, GDTVZ, SES-RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos a revisão.

Figura 12 - Casos confirmados de **ZIKA**, no estado do Rio de Janeiro, segundo sexo e faixa etária, ano 2018.

Na Tabela 9 se observa o consolidado de informações do GAL para exames de Zika com data de início de sintomas ou data de solicitação em 2018. Destaca-se o elevado percentual de negatividade nos exames, corroborando com a baixa notificação de casos e, portanto, baixa na circulação desta doença no estado em 2018. **Não houve registro de óbitos confirmados por Zika no estado em 2018.**

Tabela 9 - Exames específicos de ZIKA, segundo cadastro no sistema GAL, estado do Rio de Janeiro, **ano 2018.**

Zika (GAL)	Total	POSITIVO		NEGATIVO		INCONCLUSIVO	
		N	%	N	%	N	%
IgM	1966	21	1,1	1945	98,9	0	0,0
IgG	231	91	39,4	139	60,2	1	0,4
Teste Rápido IgM/IgG	458	26	5,7	432	94,3	0	0,0
PCR	25	0	0,0	25	100,0	0	0,0

Fonte: GAL, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Em **janeiro de 2019** a maioria dos casos de Zika concentrou-se na Capital e as taxas de incidências de todas as regiões encontram-se muito baixas (Tabela 10), mostrando a baixa circulação de Zika no estado em janeiro 2019. Entre os 61 casos notificados somente um caso (1,6%) esta confirmado por critério laboratorial segundo fonte SINAN. **Não há registro de óbitos confirmados por Zika em janeiro de 2019.**

Tabela 10- Casos prováveis e taxa de incidência de **ZIKA**, segundo região de residência, estado do Rio de Janeiro, **ano 2019*.**

Região de Residência	Casos Prováveis	%	Incidência/100 mil habitantes
Capital	54	88,5	0,8
Metropolitana I	3	4,9	0,1
Metropolitana II	2	3,3	0,1
Noroeste	0	0,0	0,0
Norte	0	0,0	0,0
Serrana	1	1,6	0,1
Baixada Litorânea	0	0,0	0,0
Médio Paraíba	0	0,0	0,0
Centro Sul	0	0,0	0,0
Baía da Ilha Grande	1	1,6	0,4
Total	61	100,0	0,4

***Janeiro de 2019**

Fonte: POP IBGE TCU 2016 e SINAN, GDTVZ, SES/RJ, dados atualizados em 13 de fevereiro de 2019 e sujeitos à revisão.

Documento elaborado por:
Cristina Giordano/Gerente da GDTVZ
Paula Almeida/Médica Veterinária

Para mais informações contate a Área Técnica responsável.

Gerência de Doenças Transmitidas por Vetores e Zoonoses:

Rua México, 128 Sala 420 – Castelo – Rio de Janeiro/RJ.

Tel.: (21) 2333.3878 / 2333.3881

E-mail: adtvz@saude.rj.gov.br / adtvzrj@gmail.com

Contatos: Andrea Santana, Angela Veltri, Carlos Henrique Assis, Elaine Mendonça, Gualberto Júnior, Maria Inês Pimentel, Paula Almeida, Patrícia Brouck, Patrícia Moza e Solange Nascimento.

Gerente: Cristina Giordano

Referências Bibliográficas:

- Brasil. Ministério da Saúde. Guia de Vigilância em Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017.
- Brasil. Ministério da Saúde. Portaria de Consolidação Nº 4, de 28 de setembro de 2017, Anexo 1 do Anexo V. Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo, e dá outras providências. (Origem Portaria MS/GM Nº 204/2016, Anexo 1).